



## O Funcionamento do Discurso de Resistência Cubano

Caroline Foppa Salvagni<sup>1</sup> (UCS)

**Resumo:**

Este trabalho tem por objetivo analisar os efeitos de sentido do discurso cubano de resistência, produzido pela *blogueira* Yoani Sánchez, moradora de Cuba. Baseado no aporte teórico da Análise do Discurso de linha francesa, este artigo discute as noções de ideologia e resistência sob uma perspectiva materialista, observando seu funcionamento na língua e no discurso. São trazidos conceitos chave da Análise do Discurso, como interdiscurso, memória, formação ideológica e formação discursiva, que permitirão a análise do discurso do sujeito de resistência. As análises permitiram observar o funcionamento do discurso de resistência como contestador e desejoso de mudanças, em se tratando do sistema socialista em Cuba; ao mesmo tempo o sujeito resgata velhas práticas e discursos, os quais, ainda que ressignificados pelo ciberespaço no qual circulam, apoiam-se no discurso ao qual se opõem, desconstruindo-o para então trabalhar contra ele.

**Palavras-chave:** ideologia, resistência, discurso.

**Resumen:**

Este trabajo tiene como objetivo analizar los efectos de sentido del discurso cubano de resistencia producido por la bloguera Yoani Sánchez, que vive en Cuba. Basada en la teoría del Análisis del Discurso de línea francesa, esta investigación analiza las nociones de ideología y de resistencia a partir de una visión materialista, observando su funcionamiento en la lengua y en el discurso. Son presentados los conceptos clave en el Análisis del Discurso, como interdiscurso, memoria, formación ideológica y formación discursiva, que posibilitarán el análisis del discurso del sujeto de resistencia. Los análisis permitieron observar el funcionamiento del discurso de resistencia como contestador y deseoso por cambios, tratándose del sistema socialista en Cuba; al mismo tiempo, el sujeto rescata viejas prácticas y discursos, los cuales aunque re-significados por el ciberespacio, dónde circulan, se basan en el discurso a que se opone, desconstruyéndolo, para entonces trabajar contra él.

**Palabras clave:** ideología, resistencia, discurso.

## Introdução

Este artigo<sup>1</sup> ocupa-se do discurso de resistência às práticas e ao discurso do governo socialista cubano produzido pela cubana Yoani Sánchez e publicado no *blog Generación Y*<sup>2</sup>, um dos mais lidos e comentados no mundo inteiro, e que rendeu à Yoani diversos prêmios relacionados à liberdade de expressão e de imprensa em vários países do mundo. A *blogueira* já foi eleita, pela revista *Time*, como uma das mulheres mais influentes do mundo e recebeu o prêmio *Ortega Y Gasset* de Jornalismo<sup>3</sup>. Yoani Sánchez é formada em Filologia Hispânica e mora em Havana com o marido, o jornalista Reinaldo Escobar, e um filho.

No *blog* são postadas crônicas curtas, geralmente acompanhadas de imagens, através das quais Yoani expõe o dia-a-dia dos cubanos e relata as dificuldades geradas pelo racionamento da alimentação, pelo uso de duas moedas, o que dificulta a aquisição de produtos pelos cubanos, a censura no acesso à internet e a canais de televisão, o comércio e outras práticas consideradas ilegais naquele país, e que, ao mesmo tempo, representam uma forma de sobrevivência; e a ideologização da educação, entre diversas outras questões que dizem respeito aos cubanos que vivem sob um regime socialista desde a Revolução Cubana ocorrida em 1959, tendo sido implantado formalmente em 1961.

O discurso pode ser considerado de resistência já que surge como forma de denúncia e contestação das práticas e do discurso governamental. Yoani afirma ter recebido diversas advertências e ameaças pela publicação das crônicas e diz receber ajuda de internautas e amigos para postar e traduzir seus escritos na internet, muitas vezes burlando as regras do país. Fingindo-se de turista, ela acessa a rede mundial de computadores a partir de hotéis e outros lugares públicos em que somente estrangeiros visitantes podem fazê-lo. Convidada a receber prêmios e a participar de

---

<sup>1</sup> Este artigo é um recorte de uma pesquisa maior, a qual resultou na dissertação *A voz da "resistência" cubana no ciberespaço*, defendida em abril de 2012 no PPGL da Universidade de Passo Fundo – RS.

<sup>2</sup> < <http://www.desdecuba.com/generaciony> >

<sup>3</sup> As premiações acontecem desde 1984 e foram criadas pelo jornal espanhol *El País*, carregando o nome do pensador e jornalista também espanhol *Ortega Y Gasset*. São outorgados anualmente aos melhores trabalhos publicados nos meios de comunicação em língua espanhola em todo mundo, privilegiando as questões de liberdade de opinião e de imprensa e outros valores caros ao Jornalismo.

encontros e congressos ao redor do mundo, ainda não recebeu permissão para sair da ilha.

O blog *Generación Y* é compreendido, nesta realidade, como lugar de contradição: produzido em Cuba sem autorização do governo, serve como espaço de denúncia e contestação das práticas e do discurso socialista em Cuba, reivindicando modelos de liberdade e prosperidade provenientes do capitalismo, ao mesmo tempo em que apaga qualquer responsabilidade de países capitalistas em relação à situação cubana a qual denuncia. Em entrevistas<sup>4</sup>, a *blogueira* condena o embargo econômico americano a Cuba em vigor desde 1962, afirmando, no entanto, que o fim do bloqueio contribuiria não para as melhorias que o país necessita, mas para terminar com as desculpas dadas pelos governantes, que culpam os Estados Unidos pelas dificuldades econômicas de Cuba. Yoani é vista por muitos, ao redor do mundo, como uma defensora dos direitos humanos e da liberdade de expressão, mas também é criticada por descrever uma realidade cheia de exageros, que não é exatamente aquela vivida pelos cubanos. A *blogueira* também escreve e é entrevistada por órgãos de comunicação historicamente direitistas e/ou conservadores, como a revista *Veja*<sup>5</sup>, no que se refere ao Brasil.

Através da investigação das marcas do sujeito do discurso, busca-se analisar neste trabalho o funcionamento do discurso cubano de resistência, assim como sua produção de sentidos sob a perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa. Na tentativa de uma delimitação do *corpus*, criou-se um campo referencial que possibilitasse a análise, já que, como explica Courtine (2006, p.21), “construir um *corpus* discursivo é fazer entrar a multiplicação infinita e a dispersão fragmentada dos discursos no campo do olhar por um conjunto de procedimentos escópicos”. Para tanto, foram selecionadas crônicas publicadas no *blog Generación Y* entre dezembro de 2008 e agosto de 2009, posteriormente reunidas em um livro intitulado *De Cuba com carinho*. Para o trabalho de análise, optou-se pela versão em livro, publicada em português pela editora Contexto. Assim como o analista do discurso lança seu gesto

---

<sup>4</sup> Entrevista concedida por Yoani Sánchez ao jornalista francês e professor da Universidade de Sorbonne, Salim Lamrani. A entrevista pode ser encontrada traduzida em diversos sites, como este: <<http://agencianota.blogspot.com/2012/02/entrevista-com-yoani-sanchez-por-salim.html>>. Acesso em: 15/02/2012

<sup>5</sup> Entrevista publicada na edição de 07 de outubro de 2009.

de interpretação em direção ao discurso em análise, o *corpus* desta pesquisa também é formado por um gesto de interpretação da própria *blogueira* Yoani Sánchez, que foi quem selecionou entre as próprias crônicas publicadas no *blog*, no ar desde 2007, aquelas que estariam presentes no livro.

A opção pelo livro não deve interferir na compreensão de que o discurso em análise foi e continua sendo produzido primeiramente para o meio eletrônico, com todas as características que essa prática implica; ao mesmo tempo, não se pode deixar de reconhecer que a reunião de crônicas selecionadas e publicadas em um livro produz um deslocamento que precisa ser considerado. Ocorre aí uma apropriação do discurso pelo mercado editorial, o qual, inscrito em uma certa formação discursiva, no processo de editoração, manipula e trabalha com ele na ilusão necessária de que outros sentidos sejam produzidos. Não há, por exemplo, as mesmas formas de interação que o *blog* propicia, como os comentários, há uma certa ausência de temporalidade, já que não há datação das crônicas, como no *blog*, além ainda, da própria tradução<sup>6</sup>. Não obstante a isso, ocorre a interação autor, texto, leitor no processo de desconstrução/construção de sentidos.

## **1 Materialismo histórico, ideologia e resistência**

Em uma posição considerada de *entremeio*, a Análise do Discurso (AD) foi fundada na articulação de três regiões do conhecimento científico, como explicam Pêcheux e Fuchs (2010, p.160):

1. materialismo histórico: teoria das formações sociais e de suas transformações, incluindo-se a teoria das ideologias;
2. linguística: teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação;
3. teoria do discurso: teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

---

<sup>6</sup> Para a Análise do Discurso, a tradução também é um lugar de interpretação. Ela é considerada um espaço de possibilidades, já que permite que sempre outros sentidos possam ser eleitos através de seu processo. (MITTMANN, 2001)

Essas três regiões são ainda atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade, de natureza psicanalítica.

A AD é pensada, desse modo, “a partir de espaços relacionais entre disciplinas”, como afirma Orlandi (2005, p.76). Nesta concepção, a língua é ligada à exterioridade, à ideologia, e a ideologia ao inconsciente. É este reconhecimento de que a língua não é uma estrutura fechada e está sujeita a falhas que permite a possibilidade “da reintrodução do sujeito e da situação no campo dos estudos da linguagem”. Este sujeito re-significado não é a origem do dizer e a situação não é empírica, mas linguístico-histórica (ORLANDI, 2005, p.77). Courtine (2006, p.39) lembra que o primeiro objetivo da Análise do Discurso foi o desejo de rearticular a dicotomia saussuriana entre língua e fala, fazendo ressurgir as condições de uso da língua, relegadas ao exterior do campo da ciência da linguagem. Ela representaria, desse modo, o “contragolpe do gesto decisivo de separação” pelo qual a linguística institucionalizou-se como ciência.

O materialismo histórico, como um dos campos científicos em que a Análise do Discurso apoiou sua fundação e desenvolvimento, carrega a visão desenvolvida por Marx e Engels (2009, p.51) em *A Ideologia Alemã* de que “a produção das ideias, de representações e da consciência está, no princípio, diretamente vinculada à atividade material e o intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real”. É por isso que o materialismo histórico representa a teoria das formações sociais e suas transformações, e a teoria das ideologias. É na observação e análise das práticas dos sujeitos, portanto, que a visão materialista trabalha.

Em uma releitura do marxismo e, portanto, também do conceito de ideologia, em *Aparelhos Ideológicos de Estado*, Louis Althusser (2010, p.82) afirma que não há uma ideologia e sua história, mas é preciso tratar da história das ideologias, já que estas se confundem, em última instância, com a história das formações sociais e da luta de classes que nelas se desenvolvem. Ou seja, a história das ideologias tem sua determinação fora delas, já que Althusser (2010, p. 85) define a ideologia como uma “representação da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência”. O autor trabalha com a tese de que todos os aparelhos ideológicos de estado (AIE familiar; AIE escolar; AIE sindical etc.) têm como objetivo a reprodução

das relações de produção. Ao buscar desenvolver uma teoria materialista do discurso Pêcheux (2009, p.131), na releitura que faz de Althusser, afirma que “os aparelhos ideológicos de estado constituem, simultânea e contraditoriamente, o lugar e as condições ideológicas da transformação das relações de produção”. Portanto, através do discurso é possível observar, analisar, reconhecer a luta de classes. Para Pêcheux (2009, p.274), os aparelhos ideológicos de estado seriam caracterizados ainda como “a sede e o motivo de uma luta de classes”. Luta essa, que se caracteriza discursivamente, conforme Pêcheux (2009, p.195), “por tomadas de posição *a favor* de certas palavras, formulações, expressões etc., *contra* outras palavras, formulações ou expressões, exatamente como uma luta pela produção dos conhecimentos” (Grifos do autor).

Este trabalho não se ocupa da opressão exercida pelo funcionamento excludente do sistema capitalista, mas trabalha com o discurso daqueles que se sentem oprimidos pelo autoritarismo de líderes socialistas. Mesmo assim, as palavras de Pêcheux e de outros autores, ao se referirem à revolta, à revolução, à imposição e à opressão, parecem fazer sentido na análise do discurso de um sujeito que denuncia e resiste ao não identificar-se com a ideologia que o domina. Sobre essas práticas de revolta e repressão, Pêcheux (2009, p.280) afirma:

Há, talvez, no estudo histórico das práticas repressivas ideológicas um fio interessante a seguir, para que se comece, enfim, a compreender o processo de resistência-revolta-revolução da luta ideológica e política de classes, evitando fazer da ideologia dominada, seja a repetição eternitária da ideologia dominante, seja a autopedagogia de uma experiência que descobre progressivamente o verdadeiro atrás-das-cortinas das ilusões mantidas pela classe dominante, seja a irrupção teoricista de um saber exterior, o único capaz de romper o círculo encantado da ideologia dominante.

O autor observa que “não há dominação sem resistência” (PÊCHEUX, 2009, p.281). Considerar a ideologia do ponto de vista das relações de produção, portanto, implica considerá-la também do ponto de vista da *resistência à reprodução*, “ou seja, da perspectiva de uma multiplicidade de resistências e revoltas heterogêneas que se entocam na ideologia dominante, ameaçando-a constantemente” (PÊCHEUX, 2011,

p.96). Desse modo, é preciso observar as ideologias dominadas, de acordo com Pêcheux, “como uma série de efeitos ideológicos que emergem da dominação e que trabalham contra ela por meio das lacunas e das falhas no seio dessa própria dominação” (PÊCHEUX, 2011, p. 96-97). É pelo estudo das práticas repressivas denunciadas pelo sujeito do discurso, portanto, que nesta análise compreende-se também o processo de resistência gerado por ele, assim como destaca Pêcheux.

Ao tratar do chamado *socialismo existente*, como aquele que funciona até os dias de hoje em Cuba, Pêcheux (2011, p.112-113) afirma que sempre houve uma tendência de formar um Estado do tipo de *fortificação ocupada*, em que há uma lógica militar de fronteiras, de intervenção armada, característica que representa ambiguidade e contradição. Pêcheux (2011, p.112-113) explica:

A frase “não existe um caminho militar para o socialismo”, oferece um bom exemplo para a função de ambiguidade no discurso político. Essa frase tem relação tanto com o fato histórico, que – substancialmente e até hoje – existiram apenas caminhos militares “para o socialismo”, e com o fato político que esses caminhos militares não levam ao socialismo. Sob esse ponto de vista – e qualquer que seja a saída do Estado – fica a questão levantada pelo movimento de massa polonês, que coloca em todos os níveis da sociedade o pedido por liberdades democráticas como sendo o problema principal do socialismo “existente” (grifos do autor).

Como o movimento de massa polonês, as marcas do discurso do sujeito de resistência em análise parecem trazer este mesmo pedido por *liberdades democráticas*, marcas que deixam transparecer também aquilo que está apagado do/no discurso.

O método marxista da crítica da ideologia, segundo Zizek (1996, p.306), consistiria em “detectar um ponto de ruptura heterogêneo para um dado campo ideológico e, ao mesmo tempo, necessário para que esse campo consiga seu fechamento, sua forma acabada”. Nesse processo, todo *universal ideológico* seria falso, já que há presente nele uma lógica da exceção. O autor traz como exemplo, justamente a questão da liberdade. Ele (ZIZEK, 1996, p.306) diz:

[a liberdade] é uma noção universal que abrange várias espécies (liberdade de fala de imprensa, liberdade de consciência, liberdade

de comércio, liberdade política, etc.), mas também, por uma necessidade estrutural, uma liberdade específica (a de o trabalhador vender “livremente” sua força de trabalho no mercado), que subverte essa noção universal. Ou seja, essa liberdade é o próprio oposto da liberdade efetiva: ao vender “livremente” sua força de trabalho, o trabalhador *perde* sua liberdade – o conteúdo real desse livre ato de venda é a escravização do trabalhador ao capital. O aspecto crucial, é claro, é que essa liberdade paradoxal, a forma de seu oposto, é precisamente o que fecha o círculo das “liberdades burguesas”.

A análise do discurso cubano de resistência permite identificar algumas marcas do anseio por essas *liberdades burguesas*, as quais revelam também a imagem que o sujeito do discurso constrói ao tratar das dificuldades em Cuba e das mudanças almeçadas.

Para Pêcheux (2011, p.107), o *socialismo existente* “inscreve sua relação na história do desenvolvimento do capitalismo”. O autor observa que, fracassando em atingir o capitalismo em seu centro, o *socialismo existente* se constitui “de uma série de inversões/subversões históricas, mais ou menos violentas, na margem periférica do sistema” (PÊCHEUX, 2011, p.111). Isso significa dizer ainda que o *socialismo existente* não é independente “de um mundo simétrico do capitalismo, mas, sim, é uma sequência de incrustações, que surgiram uma após a outra no interior de seu desenvolvimento geral” (PÊCHEUX, 2011, p.111).

Vale a pena refletir, segundo o autor (PÊCHEUX, 2011, p.118), sobre processos como esses, “ideologicamente heterogêneos, contraditórios, assimétricos e deslocadores”, e sobre o pensamento que vem “de baixo de atos incontestáveis, contraditórios, que encontram sua via e sua voz nos campos intermediários”. Essas “matérias brutas ideológicas do cotidiano” e suas fronteiras provisórias é que, na visão de Pêcheux (2011, p.118), podem fazer surgir “diferentes acontecimentos, movimentos e intervenções de massa”. Assim, a análise dos processos discursivos produzidos em contextos sócio-históricos como o socialismo cubano permite a observação dos efeitos de sentido produzidos tanto pelo discurso do governo, trazido pelo imaginário do sujeito de resistência, como do discurso de contestação do cidadão comum, que encontra *sua via e sua voz nos campos intermediários*.

O que se destaca nessa discussão e representa a essência desta pesquisa é que o estudo de processos e situações políticas assimétricas, contraditórias e heterogêneas implica pensar, segundo Pêcheux (2011, p.98), na sua relação com a linguagem através, por exemplo, da observação do jogo de palavras, da mudança metafórica dos sentidos, dos paradoxos etc. Esta relação deve ser vista como constitutiva desses próprios processos; “nesse sentido, o alcance da discursividade é inerente aos processos ideológicos” (PÊCHEUX, 2011, p.98). Por essa relação constitutiva entre a linguagem e os processos ideológicos é que a próxima seção trata da língua na concepção da Análise do Discurso e daquilo que nela é resistência.

## 2 Língua, ideologia e resistência

“Sim [...]. De certa forma, para a Análise do Discurso e para os analistas do discurso, a língua da linguística se acabou”, é a resposta de Maria Cristina Leandro Ferreira (2005, p.217) à pergunta feita por Gadet e Pêcheux (2004) em *A Língua Inatingível*, sobre se a língua haveria acabado. A língua dos analistas do discurso, como destaca Leandro Ferreira, é a língua da falta, do equívoco, da falha; é a língua de nunca acabar, nunca alcançar. Esta língua é o objeto próprio e único de investigação da Análise do Discurso. Sendo assim, lança-se, neste trabalho, um olhar sobre o discurso da revolução, da resistência e da censura, buscando ultrapassar a língua sistemática, transparente e sem relação com a historicidade e o sujeito.

Considerando-se o impossível e a exterioridade como constitutivos da língua não é mais possível trabalhar as sequências de enunciados – o discurso, buscando excluir ou deixar de lado aquilo que não se encaixa, que não se pode explicar estruturalmente, já que esses pontos de falta/falha estarão sempre presentes. Pêcheux (2008, p.53) os caracteriza como pontos de deriva nos enunciados ou nas sequências de enunciados, e explica que eles constituem o espaço de trabalho da Análise do Discurso, já que ali se oferece a possibilidade da interpretação. Desse modo, como observa Leandro Ferreira (2000, p.37), a língua não é vista como objeto na AD, mas como pressuposto para analisar a materialidade do discurso. Assim, a língua não é mais o centro, mas remete o analista à ordem do discurso. Ao tratar do

trabalho de leitura de arquivo, Pêcheux (2010, p.58) escreve: “É esta relação entre *língua* como sistema sintático intrinsecamente passível de jogo, e a *discursividade* como inscrição de efeitos linguísticos materiais na história, que constitui o nó central de um trabalho de leitura de arquivo.”

Leandro Ferreira (2003, p.197) também destaca que a “língua do analista do discurso tem um funcionamento ideológico e suas formas materiais estão investidas desse funcionamento”. Nesse processo, o sentido constitui-se historicamente nesta relação entre língua e sujeito. A língua, como defende Orlandi (2005, p.82), inscreve-se na história para significar, sendo a interpretação responsável pela visibilidade do mecanismo de funcionamento da ideologia e do sujeito.

É a língua fluída, portanto, a que interessa à AD. Nas palavras de Orlandi (2009, p.18),

[...] é a língua movimento, mudança contínua, a que não pode ser contida em arcações e fórmulas, não se deixa imobilizar, a que vai além das normas. A que podemos observar quando focalizamos os processos discursivos, através da história de constituição das formas e sentidos, nas condições de sua produção, na sociedade e na história, afetada pela ideologia e pelo inconsciente. A que não tem limites.

A autora observa ainda que os processos de significação em uma língua estão sempre em movimento, e há uma imensa história desses processos de que nem sequer se suspeita. É por isso que só através de um gesto de leitura é possível atrever-se a analisar um processo discursivo, e para não perder de vista o caráter fluído da língua, é preciso levar em conta a ideologia e o funcionamento da história.

Pêcheux (2011, p.119) afirma que é preciso tratar a língua não simplesmente como *meio*, que descreve os processos ideológicos, mas deve-se considerá-la como “*um campo de forças* constitutivo desses processos, por meio dos jogos de linguagem, do trilhar metafórico dos sentidos e dos paradoxos da enunciação, que as discursividades trabalham *na* e *contra* os corpos de regras de cada língua”.

Neste sentido, Leandro Ferreira (2000, p.22) observa que a AD pode ser considerada um lugar privilegiado para tratar da resistência, já que está colocada entre duas delas: a resistência do mundo e a do sujeito. O trabalho de resistência se

situaria, assim, “na margem entre a dominação que se faz da linguagem e a que ela estabelece”. Aí se encontra a contradição à qual está exposto o sujeito – produtor da língua, que “se constitui e a constitui no âmbito de acontecimentos histórico-sociais” e, ao mesmo tempo, submisso ao assujeitamento. A resistência do mundo, da qual fala Leandro Ferreira (2000, p.22-23), é aquela da relação “tensa e crítica” que existe entre a AD e a história, a sociedade e as relações de poder: “para a AD vai importar a linguagem, não como mero instrumental, mas como mediação, trabalho simbólico. Na relação mundo/linguagem entra, como condição essencial, a ideologia”.

A seguir, uma das crônicas de Yoani Sánchez poderá ilustrar este funcionamento da resistência na língua e sua relação com o imaginário do sujeito e a memória.

Há palavras que têm seu momento, enquanto outras conseguem sobreviver aos modismos para permanecer no nosso cotidiano. Alguns vocábulos de presença desmedida contrastam com outros que foram condenados ao esquecimento, a ser mencionados apenas quando se evoca o passado. Todos esses processos de repúdio ou aproximação que ocorrem dentro das nossas cabeças ficam evidentes quando falamos. Daí que a morte pública de um político tenha início quando as pessoas deixam de colocar-lhe apelidos; a crise de um ideal fica demonstrada se poucos fazem referência a ele e a propaganda ideológica se debilita quando ninguém repete seus bordões maniqueístas. **A linguagem pode validar ou enterrar qualquer utopia.**

Entre as evidências linguísticas da nossa atual apatia, está o paulatino desaparecimento do termo “companheiro”. Cada vez se usa menos essa fórmula para aludir a um amigo de toda a vida ou alguém que encontramos pela primeira vez. Ao serem desterrados – por suas reminiscências pequeno-burguesas – os apelativos “senhor”, “senhora” e “senhorita”, chegaram outros que queriam manifestar uma maior familiaridade entre os cubanos, como o importado “camarada”. Aconteciam até casos tragicômicos, por exemplo, quando uma pessoa chamava de “companheiro” ao burocrata que o fazia esperar seis horas por um papel, embora na verdade tivesse vontade de insultá-lo.

Durante anos, dirigir-se a outra pessoa de modo distinto da etiqueta ditada pelo Partido, podia ser entendido como um desvio ideológico. Todos éramos “iguais” e até mesmo o uso de *usted* desapareceu nessa falsa intimidade que degenerava em frequentes faltas de respeito. Quando a ilha se abriu ao turismo, uma das primeiras lições que aprenderam os empregados dos hotéis foi retomar o estigmado “senhor” para dirigir-se aos hóspedes. Pouco a pouco os apelativos do passado mais recente ficaram restritos ao vocabulário dos mais fiéis, dos mais velhos. Assim, entre as milhares de saudações que se escutam hoje em nossas ruas – *brother, yunta, nagüe, sócio, amigo, ecobio, puro* ou o simples “psst” – cada vez aparecem menos as sonoras sílabas de “companheiro”. (SÁNCHEZ, 2009, p. 19-20)

A crônica acima está repleta de exemplos de como é possível “jogar” com o funcionamento linguístico, criando ilusões e efeitos de sentido como o de igualdade, no caso do processo discursivo trazido para esta discussão. O abandono dos termos *senhor, senhora* como forma de respeito caíram em desuso pela necessidade de unificar, aproximar e fazer com que os cubanos se reconhecessem todos como iguais durante a revolução e implantação do socialismo em Cuba. As transformações não impediram, no entanto, que fossem recuperadas e criadas novas designações não *importadas*, como observa o sujeito do discurso, mas nascidas das práticas linguageiras locais.

De Nardi (2003, p.72) afirma que o imaginário determina, além da forma como o sujeito apreende a realidade, também o modo como ele se relaciona com a língua, sendo ela o primeiro elemento de construção da sua identidade, “uma vez que é por ela que o sujeito se diz”, e que carrega também “a identidade coletiva de um povo, já que a ela é inerente a sua memória, o seu trabalho sobre os sentidos, as tramas que teceu a história em sua criação”. A memória<sup>7</sup> representa, nesta realidade, “esses resquícios da história, real ou fictícia, com a qual os sujeitos se relacionam por meio de uma relação imaginária (re)atualizando-os em seu discurso”. Sendo assim, a memória, lacunar, em uma “tensão entre esquecimento e retomada”, permite que se recupere também aquilo que foi apagado dos discursos e dos processos de manipulação da língua, por exemplo. Segundo De Nardi (2003, p.73),

Por isso é que o apagamento da memória é tão significativo, ao apagar-se a memória cria-se a ilusão de que o novo acontecimento funcionará livre das amarras do passado; original, originário, ele formaria o marco zero dos discursos que sobre ele irão versar, fundando novos sentidos, independentes, daquilo que antes deles se produziu, fundados sobre o esquecimento dessa memória recusada. Essa recusa, porém, não se faz inteira, não se faz perfeitamente, deixa brechas, deixa falhas nas quais se infiltra a poeira da memória; esta história feita cinzas que, no entanto, permanece latente nos discursos, impregnada na língua pela qual os mesmos se constroem.

---

<sup>7</sup> Pêcheux (1999, p.52) esclarece a noção de memória discursiva, ao afirmar que memória discursiva seria aquilo que, “face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível”.

Se é pela língua que o sujeito se constitui e constrói sua primeira identificação, é também através dela que ele se reconhece. Desse modo, o apagamento daquilo que o formou e daquilo que continua a constituir-lo na língua, como as formas de saudação ou pronomes de tratamento a que se refere o sujeito do discurso em análise, não podem desaparecer por completo, mas retornam pela *história impregnada na língua pela qual os discursos se constroem*.

A manipulação da língua e do discurso em regimes populistas e totalitários são também exemplos, como no *socialismo existente* em Cuba, da necessidade de unificação e do apagamento das diferenças por parte do poder. Para Zandwais (2011, p.139), se essas políticas investem em discursos que poucos ousam contradizer, “é porque estão fundadas sob os aspectos psíquico e social, na produção/reprodução da violência e do medo”. No desejo de construção imaginária de uma memória nacional, há o trabalho de refração da história, de controle dos sentidos, tornando-os objetos do senso comum, homogeneizando o simbólico (ZANDWAIS, 2011, p.133).

Também em outubro de 1917<sup>8</sup>, como observam Gadet e Pêcheux (2004, p.67), termos familiares, de tratamento e coloquiais “mudam de repente de sentido”, através de um jogo de palavras. Assim como na crônica analisada, os autores identificam a importação de certos termos como uma marca política de reconhecimento. “[...] envoltas por uma aura revolucionária, algumas palavras tornam-se verdadeiros fetiches”, observam (GADET & PÊCHEUX, 2004, p.68).

Sériot (1999, p.35), ao tratar da amnésia da língua russa, observa que há este “mito romântico da unidade do povo, de sua inocência primeira e de sua relação especular com a língua, em que a denegação da divisão pressagia desfavoravelmente o progresso da democracia”, aspectos esses que representariam uma memória profunda que funciona mascarada pela memória superficial.

Zandwais (2011, p.138), ao tratar do eufemismo como uma das formas mais convenientes de manipulação entre significantes e significados, observa que novas designações que superficialmente aparentam ser equivalentes àquelas que são

---

<sup>8</sup> O mês de outubro de 1917 marca a derrubada do governo provisório na Rússia após a queda da monarquia (regime czarista) e tomada do poder pelo partido bolchevique, liderado por Lênin (VALLADARES; BERBEL, 1994).

substituídas, buscam estabelecer uma nova “correspondência” entre uma designação que entra em desuso, uma nova designação e um determinado significante. “A designação que entra em desuso, no entanto, é aquela que perturba, que coloca a descoberto o que precisa ser refratado, esquecido, para os fins da dominação, da produção de efeitos alienantes.”

Nota-se, como bem lembra Orlandi (1996, p.28), que a língua precisa da história para significar e que o sentido tem sua relação determinada pelo sujeito em sua relação com a história. A ideologia aparece aí como um efeito necessário dessa relação, como prática significante e discursiva. Ao reconhecer a materialidade da língua, reconhece-se também a interpretação como constitutiva dela, “isto é, compreendemos que os fatos são sujeitos à interpretação, e que a língua, na medida em que é suscetível ao equívoco, ao deslize, à falha, faz lugar para a interpretação” (ORLANDI, 1996, p.29). E tratando-se da revolução e sua relação com a linguagem, não se pode, de acordo com Pêcheux (1990, p.15), “limitar-se hoje à questão do discurso do Partido-Estado, e à da legitimidade/ilegitimidade deste enquanto enunciados do discurso revolucionário”. Para o autor, as questões relacionadas à legitimidade e usurpação estão além dos discursos revolucionários e da realidade do socialismo, e representam “uma das formas históricas mais solidamente instaladas”.

Desse modo, como esse funcionamento e como a representação da luta de classes podem ser identificadas na materialidade do discurso? Pêcheux desenvolveu esta questão com os conceitos de formação ideológica e formação discursiva.

### **3 Discurso, formação ideológica e formação discursiva**

Em *Aparelhos Ideológicos de Estado*, Althusser (2010, p.85-88) propõe duas teses para abordar a questão da ideologia. A primeira, já citada neste trabalho, é a que diz que “a ideologia é uma “representação” da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência”; enquanto a segunda defende que “a ideologia tem uma existência material”. Assim, ao mesmo tempo em que a ideologia funciona não diretamente nas relações de produção existentes, mas na relação (imaginária) dos indivíduos com as relações de produção, ela existe sempre em um aparelho e em sua

prática ou práticas, e esta existência é material. Tem-se no caso desta pesquisa, por exemplo, o discurso do sujeito de resistência que emerge dos AIE político e de informação (como denominou o próprio Althusser (2010, p.68), ao tratar da imprensa, televisão, rádio etc.), representando a existência material da ideologia; e os efeitos de sentido produzidos pelo discurso do sujeito de resistência em sua relação com os modos de produção em Cuba, representando a relação imaginária dos indivíduos com as condições de produção.

Não se pode deixar de lado ainda a questão do Aparelho (repressivo) do Estado, o qual, conforme o autor, apresenta uma grande diferença em relação ao conjunto dos AIE: “o Aparelho repressivo do Estado funciona através da violência ao passo que os Aparelhos Ideológicos do Estado funcionam através da ideologia” (ALTHUSSER, 2010, p.69). No *corpus* em análise nesta pesquisa, trabalha-se, desse modo, com a ideologia que funciona dentro dos AIE citados acima, ao mesmo tempo em que se trava uma batalha com o Aparelho repressivo do Estado.

Considerando-se, portanto, que os AIE constituiriam a cena da luta ideológica de classes, como destaca Pêcheux (2009, p.133), a materialidade concreta dessa luta ou sua instância ideológica existiria sob a forma de formações ideológicas. Essas formações seriam as responsáveis pela produção de sentido de uma palavra, expressão etc., já que estas não possuem sentido em si mesmas, mas são determinadas “pelos posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas)” (PÊCHEUX, 2009, p.146). Isto é o que Pêcheux denomina de “o caráter material do sentido”. Este caráter é mascarado pela ilusão da transparência da linguagem, que cria um efeito de evidência para o sujeito, fazendo-o crer que uma palavra ou enunciado queiram dizer o que realmente dizem.

É a ideologia que cria esta evidência sob a qual “todo mundo sabe” o que é um patrão, um sindicalista, uma greve etc. e este funcionamento representa a dependência constitutiva do que Pêcheux (2009, p.146) denominou de “o todo complexo das formações ideológicas”. O autor explica esta dependência, dizendo que

as palavras expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer

dizer que elas adquirem sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas.

Pêcheux e Fuchs (2010, p.163-164), ao tratarem da “espécie discursiva” como pertencendo ao “gênero ideológico”, também concebem os processos discursivos como um dos aspectos da materialidade ideológica. Desse modo, as formações ideológicas comportariam uma ou várias formações discursivas (FDs), as quais determinariam *o que pode e deve ser dito* a partir de uma posição dada dentro dos aparelhos ideológicos, inscrita numa relação de classes. Partindo-se, portanto, das formações ideológicas, chega-se ao espaço complexo e heterogêneo das formações discursivas, um conceito que se desenvolveu ao longo dos estudos da AD.

Ao considerar a ideologia como aspecto essencial para a análise dos discursos, Pêcheux (2009, p.147) concebe a formação discursiva como o espaço onde as palavras, expressões e proposições produzidas recebem seu sentido. Desse modo, a análise do processo discursivo torna-se a análise do sistema de relações de substituição, paráfrases, sinonímias etc. em uma certa formação discursiva. A FD, portanto, torna-se a matriz, o lugar de constituição do sentido (PÊCHEUX, 2009, p.148).

É neste ponto também que se compreende o funcionamento do sujeito no discurso. Foi também em Althusser (2010) que Pêcheux buscou a afirmação de que a ideologia interpela o indivíduo em sujeito e o constitui. Segundo o autor, não há qualquer prática que não ocorra através e sobre uma ideologia; assim como só há ideologia pelo sujeito e para o sujeito. Ao mesmo tempo, os indivíduos seriam assujeitados, aceitando livremente a submissão ideológica. Pêcheux (2009, p.147) explica que “os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. O sujeito não é a origem do dizer, já que é determinado pela FD na qual está inserido. Desse modo, processos como os de designação e determinação (os quais serão discutidos neste trabalho a partir das seqüências em análise) podem ser observados sob a ótica da formação discursiva, a qual opera sobre o sujeito e determina seu dizer.

No entanto, ao mesmo tempo em que se constitui “pelo esquecimento daquilo que o determina” (PÊCHEUX, 2009, p.150), o sujeito tem a ilusão necessária de que é a fonte do sentido, o que Pêcheux (op. Cit., p.161-162) chamou de *esquecimento nº 1*. Já o *esquecimento nº2* faz o sujeito acreditar que tem o domínio daquilo que diz, sendo capaz de selecionar estrategicamente o que dizer no sistema de enunciados em relação de paráfrase em uma FD específica. Como explica Indursky (1997, p.33), esses dois tipos de esquecimento determinam a diferença entre *base linguística* – esquecimento nº 1 e *processo discursivo* - esquecimento nº 2. Segundo a autora, “o exame da base linguística torna-se, pois, uma etapa indispensável, embora insuficiente, para identificar a FD que subjaz ao processo discursivo em análise. Para atingir a FD, é preciso relacionar esses dois níveis entre si”.

As sequências discursivas (Sds) a seguir servem como exemplo de identificação da formação discursiva do sujeito do discurso, através de elementos provenientes da própria materialidade linguística. Observe-se:

**Sd1:** Com o toco do lápis da espera, escrevemos, em várias páginas dessa agenda virtual, a necessidade de acabar com as restrições para entrar e sair do país, o anseio de nos associarmos livremente e de escolher o credo no qual os nossos filhos vão se formar ou a vontade de ganhar os salários na mesma moeda com que se vende a maioria dos produtos (SÁNCHEZ, 2009, p. 131).

**Sd2:** Ao ver esses jovens iranianos utilizando toda a tecnologia para denunciar as injustiças, percebo tudo o que poderíamos fazer, nós que mantemos um blog na Ilha. A prova de fogo da nossa incipiente comunidade virtual ainda não chegou, mas talvez nos surpreenda amanhã... com o agravante da pouca conectividade (SÁNCHEZ, 2009, p. 58).

As duas Sds representam a inserção de Yoani Sánchez em uma formação discursiva que poderia ser considerada de *resistência*. Verifica-se a oposição à FD governamental, a quem o sujeito atribui a responsabilidade por impor leis de proibição/controle de entrada e saída do país, a proibição da livre associação, da escolha de credo e do uso de duas moedas. A discordância entre as duas FDs é identificada pelo uso de expressões como *lápis da espera*, *necessidade de acabar*, *anseio*, *escolher*, *vontade*. O desejo de transformação encontra-se com aquele da resistência ao observar-se a Sd2, na qual Yoani afirma: *percebo tudo o que poderíamos*

*fazer, nós que mantemos um blog na Ilha.* Tem-se, assim, através da observação dos elementos linguísticos (expressões utilizadas) e dos processos discursivos (relação da FD em questão com outras FDs, neste caso a governamental) a delimitação, mesmo que sempre instável e heterogênea, de uma formação discursiva. Entre os saberes que regulam a FD de resistência, observa-se a concepção, no imaginário do sujeito do discurso, de um governo injusto e autoritário; o sujeito do discurso incita algum tipo de manifestação popular (assim como os jovens iranianos) e cria a imagem de uma “luta” mais difícil, mais sofrida (*com o agravante da pouca conectividade*).

Inscrito em uma FD, o sujeito ocupa seu espaço através da chamada *forma-sujeito* e ocupa posições, através do que Pêcheux (2009) chamou de modalidades de identificação.

A primeira modalidade é a do *bom sujeito*, de acordo com Pêcheux (2009, p.199). O sujeito da enunciação identifica-se com o sujeito universal, assujeitando-se livremente. Esta modalidade “revela uma identificação plena do sujeito do discurso com a forma-sujeito da FD que o afeta” (INDURSKY, 2007, p.80). Na segunda modalidade, o sujeito da enunciação vai contra o sujeito universal, ocorrendo um distanciamento, através de uma tomada de posição. Há, assim, uma contra-identificação com alguns saberes da FD que afeta o sujeito. Este seria o discurso do *mau sujeito* (PÊCHEUX, 2009, p.199). A desidentificação surge com a terceira modalidade, quando há um deslocamento da forma-sujeito. Como explica Indursky (2007, p.82) “o sujeito rompe com a FD em que estava inscrito e com a qual se identificava e passa a identificar-se com outra FD e com sua respectiva forma-sujeito”.

É, portanto, pelas tomadas de posições que a FD pode ser reconhecida como heterogênea assim como “a forma-sujeito que a organiza também é heterogênea em relação a si mesma”, abrigando a diferença e a ambiguidade (INDURSKY, 2007, p.83).

Courtine (2009, p.99) reforça a noção de heterogeneidade da FD, afirmando que a contradição é constitutiva das FDs, é o lugar onde os objetos e elementos do saber se formam. Desse modo, as fronteiras das FDs se deslocam constantemente “em razão dos jogos da luta ideológica, nas transformações da conjuntura histórica de uma dada formação social”. Para o autor, o domínio de saber de uma FD específica

constrói-se no interdiscurso desta FD, “como articulação contraditória de FD e de formações ideológicas”.

O interdiscurso constitui-se, assim, como noção essencial à Análise do Discurso; Pêcheux (2009, p.149) a concebeu para tratar do “todo complexo com dominante” das formações discursivas. Assim como o sujeito é sempre-já sujeito, por ser interpelado pela ideologia e carregar a ilusão do livre assujeitamento, o discurso também é sempre-já discurso, pois “algo fala sempre antes, em outro lugar e independentemente”. Este é o espaço do interdiscurso, determinado materialmente pelos efeitos de pré-construído e do discurso transversal (ou articulação de enunciados).

Courtine (2009, p.74-75) retoma os trabalhos de Paul Henry, que foi quem introduziu o termo *pré-construído* e de Pêcheux, para explicar o funcionamento do interdiscurso sob esses dois aspectos. Sobre o pré-construído, ele retoma:

Esse termo [...] designa uma construção anterior, exterior, independente por oposição ao que é construído na enunciação. [...] Trata-se do efeito discursivo ligado ao encaixe sintático: um elemento do interdiscurso nominaliza-se e inscreve-se no intradiscurso sob forma de pré-construído, isto é, como se esse elemento já se encontrasse ali. O pré-construído remete assim às evidências pelas quais o sujeito se vê atribuir os objetos de seu discurso: “o que cada um sabe” e simultaneamente o que “cada um pode ver” em uma dada situação.

A enunciação de uma sequência discursiva apropria-se, portanto, dos elementos do interdiscurso, como espaço do pré-construído, ao mesmo tempo em que o interdiscurso atravessa e conecta entre si esses elementos. “O interdiscurso funciona, assim, como um discurso transversal, a partir do qual se realiza a articulação com o que o sujeito enunciativo dá coerência ao fio do discurso” (COURTINE, 2009, p.75). Em uma sequência discursiva, desse modo, o interdiscurso aparece “como um efeito do interdiscurso sobre si próprio”.

Para exemplificar este funcionamento, considere-se a sequência a seguir:

**Sd3:** Ao observar os atuais destinatários do anúncio de quase cinquenta anos atrás, me pergunto quando a **prosperidade** deixará de ser vista como **contrarrevolucionária** (SÁNCHEZ, 2009, p.147) (grifo nosso).

As marcas do interdiscurso podem ser identificadas pelo uso das expressões *prosperidade* e *contrarrevolucionária*, já que são termos provenientes de outros espaços, outros discursos. *Prosperidade* poderia ser relacionada ao discurso capitalista, enquanto *contrarrevolucionária* faria parte do discurso socialista/comunista. No fio do discurso, o pré-construído aparece como se estivesse sempre ali, e nasce o efeito de evidência produzido pelo sujeito do discurso.

O funcionamento desta relação entre interdiscurso e intradiscurso, é preciso destacar, acontece por meio da memória discursiva. Courtine (2009, p.105-106) explica que esta noção “diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos”. Na materialidade do discurso, a lembrança, a refutação, a repetição e o esquecimento – aspectos da memória discursiva, ao constituírem saberes de uma FD própria, já existem como enunciados “no tempo longo da memória”, enquanto as formulações funcionam “no tempo curto da atualidade de uma enunciação”. É esta relação, portanto, entre esses dois tempos que podem ser representados pelo interdiscurso e o intradiscurso que cria um efeito discursivo designado como efeito de memória.

A memória discursiva funcionaria, como ilustra Mittmann (2008, p.120), como um “estofamento que dá suporte ao novo discurso, que o sustenta, acomoda e conforta, isto é, conformiza”. Ao mesmo, pelo surgimento de um acontecimento discursivo esse mesmo estofamento precisa remodelar-se, “para melhor absorvê-lo e acomodá-lo”. Esse processo, como se sabe, não se dá de forma pacífica, mas pelo conflito. Schons (2006, p.76) observa ainda que, para Pêcheux, a memória funciona como um elemento pré-discursivo e vinculado ao materialismo histórico, o que significaria dizer que para os analistas do discurso, ao analisar o funcionamento do discurso e seus efeitos de sentido, estando presente aí também o efeito de memória, já se estaria estudando o político, representado na AD “pela investigação das relações desiguais no modo de produção das classes sociais, nas relações de antagonismo entre as classes”.

Retomando a Sd<sub>3</sub> anteriormente apresentada, pode-se dizer que pela presença de expressões tidas como pré-construídos provenientes do interdiscurso – *prosperidade* e *contrarrevolucionária* -, encaixadas no fio do discurso, surge o efeito de memória, que atualiza esses enunciados como formulações na atualidade deste discurso. *Prosperidade* e *contrarrevolucionária* podem receber outras significações, ao mesmo tempo em que podem reforçar sentidos anteriormente constituídos, o que parece acontecer na SD em análise. A *prosperidade* de que fala o sujeito do discurso parece fazer ressoar o sentido de *prosperidade* do discurso capitalista, representada pelo crescimento econômico; do mesmo modo, o sentido de *contrarrevolucionária* é apenas reforçado por seu retorno na atualidade, tentando demonstrar que para o discurso socialista, a prosperidade econômica dos moldes capitalistas vai contra seus ideais revolucionários. O sujeito do discurso reúne, em um mesmo enunciado, marcas de discursos de duas formações discursivas que se opõem, criando esta imagem que condena o estado cubano por não ser a favor da *prosperidade*, uma palavra carregada de sentido no mundo capitalista<sup>9</sup>.

## Considerações finais

A Análise do Discurso trabalha com um *corpus* sempre em construção e toma o discurso como processo. Sendo assim, não seria possível falar em conclusão, assim como as análises presentes nesta pesquisa não são consideradas exaustivas. O gesto de interpretação através do qual o analista do discurso desenvolve sua investigação permite inúmeros olhares e ângulos sob um mesmo processo discursivo.

Foi este gesto que permitiu o exame das crônicas da cubana Yoani Sánchez publicadas no *blog Generación Y* como parte de um discurso de resistência, ao

---

<sup>9</sup>Também é possível analisar esta SD através da noção de estereótipo já que ele cumpriria no discurso, segundo Orlandi (1995, p.129), o mesmo papel do pré-construído, [...] "dando ao sujeito a impressão de que só ali os sentidos retornam, protegendo-o assim do mesmo sentido e da sua intercambialidade com outro sujeito qualquer". Para Orlandi, o estereótipo "é o lugar onde o sujeito resiste [...]. É uma forma de proteger sua identidade no senso comum, pois o estereótipo cria condições para que o sujeito não apareça, diluindo-se na universalidade indistinta" (ORLANDI, 1995, p.129).

discordar das práticas e do discurso do governo socialista de Cuba, divulgadas em tom de denúncia e desaprovação.

O discurso cubano de resistência na internet reveste-se do novo através de práticas que se permitem no ciberespaço, ao mesmo tempo, seu caráter revolucionário carrega antigas lutas e incita as mesmas estratégias de conquista. As marcas do discurso, em sua relação com o sujeito e a história, revelam que o novo pode se revestir do velho, assim como o mesmo se reveste do diferente, quando o sujeito inquieto contesta e resiste, e sendo um ser assujeitado, também aceita e se conforma.

No prefácio da edição brasileira do livro *Semântica e Discurso* (2009), Eni Orlandi resume o que aprendeu com Pêcheux e que, parece, representa bem a ilusão de fechamento deste trabalho: "Aprendi com ele um modo de pensar a linguagem que me permitiu compreender que a reflexão nunca é fria: lugar de emoção, de debate, de opressão, mas também de resistência".

## Referências bibliográficas

ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. São Paulo: Graal, 2010.

COURTINE, J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

\_\_\_\_\_. *Metamorfoses do discurso político: Derivas da fala pública*. São Carlos: Claraluz, 2006.

DE NARDI, F. S. Entre a lembrança e o esquecimento: os trabalhos da memória na relação com língua e discurso. *Organon*, v. 23, p. 65-83, Porto Alegre, 2003.

GADET, F; PÊCHEUX, M. *A Língua Inatingível: o discurso na história da Linguística*. Campinas: Pontes, 2004.

INDURSKY, F. *A fala dos quartéis e outras vozes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. Da interpelação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção de formação discursiva. In: BARONAS, R. L. (org) *Análise do Discurso: apontamentos para uma*

história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro e João Editores, 2007.

LEANDRO FERREIRA, M. C. *Da ambiguidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.

\_\_\_\_\_. O caráter singular da língua na Análise do Discurso. In: *Organon*, 35: 189-200, 2003.

\_\_\_\_\_. A língua da análise de discurso: esse estranho objeto de desejo. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (org) *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005.

MARX & ENGELS. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martin Claret, 2009.

MITTMANN, S. Redes de ressignificações no ciberespaço. In: *Discurso midiático: sentidos de memória e arquivo*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

ORLANDI, E. Exterioridade e ideologia. In: *Caderno de Estudos Linguísticos*, 30: 27-30, jan./jun. 1996.

\_\_\_\_\_. *Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos*. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. *Língua Brasileira e Outras Histórias: Discurso sobre a língua e ensino no Brasil*. Campinas: RG, 2009.

PÊCHEUX, M. Delimitações, Inversões, Deslocamentos. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. 19: 7-24, 1990.

\_\_\_\_\_. Papel da memória. In: ACHARD, P., et al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 5ª ed. Campinas: Pontes, 2008.

\_\_\_\_\_. *Semântica e Discurso*. Campinas: Unicamp, 2009.

\_\_\_\_\_. *Análise de Discurso*. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2011.

PÊCHEUX, M. & FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET & HAK (org) *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Unicamp, 2010.

SÁNCHEZ, Y. *De Cuba com carinho*. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. *Entrevista concedida por Yoani Sánchez* ao jornalista francês e professor da Universidade de Sorbonne, Salim Lamrani. Disponível em: <<http://agencianota.blogspot.com/2012/02/entrevista-com-yoani-sanchez-por-salim.html>>. Acesso em: 15/02/2012

\_\_\_\_\_. Blogue. Disponível em: < <http://www.desdecuba.com/generaciony>>. Acesso em: 19/02/2012

SCHONS, C. "*Adoráveis*" revolucionários: produção e circulação de práticas político-discursivas no Brasil da Primeira República. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SÉRIOT, P. Amnésia da língua russa e a busca de identidade na Rússia. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (org) *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

ZANDWAIS, A. Práticas políticas nacionalistas e funcionamento discursivo: totalitarismo, fascismo e nazismo. In: ROMÃO, L. M. S.; ZANDWAIS, A. (org) *Leituras do Político*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

ZIZEK, S. O Espectro da ideologia. In: ZIZEK, S. (org) *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

---

<sup>i</sup> Caroline FOPPA SALVAGNI, Profa, Ms.  
Universidade de Caxias do Sul (UCS)  
Programa de Línguas Estrangeiras  
[carolinetfoppa@gmail.com](mailto:carolinetfoppa@gmail.com)